

Vozes de autoras brasileiras indígenas em ambiente virtual

Sunamita Vitória Rodrigues dos Santos (IC), Laura Sousa Campos (IC), Ana Gabriela Ornelas Pereira (IC),
Nívia Maria Assunção Costa (PQ)

PIBIC-EM/PIBIC/PIBITI
Câmpus VALPARAÍSO DE GOIÁS
* nivia.costa@ifg.edu.br

Palavras-Chave: Autoras brasileiras indígenas; Interação social no ambiente virtual; Enquadres e alinhamentos sociais; Inclusão e visibilidade; Negociação de sentidos textuais.

Introdução

Pare, concentre-se e imagine rapidamente qualquer autora brasileira indígena? Na memória, logo podem vir facilmente nomes de escritoras consagradas de nossa literatura (Cora Coralina, Clarice Lispector, por exemplo) e que conquistaram o seu merecido lugar no cânone na literatura brasileira. Mas, será se alguma autora brasileira indígena seria lembrada de imediato? Como o enquadre e o alinhamento de representatividade social delas estão, de fato, na própria organização social? Por mais que tenhamos mulheres escritoras no cânone literário, percebemos, no entanto, a necessidade de valorizar a pluralidade literária e a expressão do outro pela representação de escritoras indígenas. Ações em favor delas, aliadas aos recursos tecnológicos, podem promover mudanças na sociedade em relação ao espaço de conquistas das autoras indígenas com suas vozes de pertencimento, mas, que ainda, precisam ser ouvidas mais e mais. Assim, estudos sociolinguísticos, sociocognitivos e da linguística textual (COSTA, 2019, por exemplo) pontuam a necessidade de se pensar na representação que há nas relações sociais em consonância com o entendimento de língua/cultura na sociedade por meio da tecnologia, sobretudo porque nossas vozes se somam às vozes de nossos pares. Assim, este estudo objetivou promover, remotamente, a inclusão e a visibilidade de três mulheres indígenas brasileiras e residentes no Brasil: Telma Tremembé, Márcia Kambeba e Eunice Tapuia.

Metodologia

Este estudo é qualitativo de campo, interpretativista, etnográfico virtual, com triangulação de dados e saturação teórica (FLICK, 2009); e que foi desenvolvido em duas etapas: (1) pré-entrevista virtual com três autoras indígenas e (2) três entrevistas virtuais com elas e as comunidades sociais envolvidas, bem como criação de página virtual dedicada para cada autora indígena, servindo como material didático para fins de consulta.

Resultados e Discussão

Os resultados deste estudo mostraram, de forma geral, um lugar de pertencimento das autoras indígenas como expressivo para o enriquecimento da literatura brasileira; e, em contato virtual, as pessoas tiveram a oportunidade de desdobrar e construir conhecimentos sobre os saberes ancestrais, mesmo que, inicialmente, tenhamos percebido um espaço vagaroso sobre tais saberes, evidenciando a existência de um enquadre, ainda, limitado das pessoas sobre a mulher como autora de comunidades tradicionais. De um lado, as autoras, as pessoas estão em um processo

de escuta e eventos em favor delas, com o uso da tecnologia, favorecem o lugar de destaque e de pertencimento delas na sociedade para quebrar estereótipos. Por outro lado, pessoas perceberam, neste estudo, que as vozes das autoras são tentativas de fortalecer o merecido enquadre social delas na sociedade, principalmente, diante do exílio histórico perpetrado contra elas, seu povo e sua cultura. Por meio da tecnologia, as pessoas se aproximaram das autoras indígenas, corroborando as ideias de Costa (2019) ao pontuar que o espaço virtual é fundamental para a criação de conhecimento e a realização de novas formas de pesquisa. Por fim, os resultados evidenciaram que o desenquadre e o desalinhamento de muitas pessoas estiveram vinculados a diversas razões, tal como a falta de acesso aos saberes ancestrais, sobretudo em uma sociedade em que há a omissão e exclusão deles face aos diversos retrocessos políticos.

Conclusões

Com este estudo, traçamos um panorama de enunciados de resistência e de pertencimento produzidos pelas autoras indígenas face ao apagamento de suas vozes. Percebemos que a literatura indígena se firma cada vez mais em meio ao cânone, revelando enunciados de autorrepresentações das identidades dos povos originários e desnaturalização das desigualdades socioculturais.

Agradecimentos

Ao IFG e ao CNPq pelas oportunidades de bolsas de iniciação científica. Aos grupos de pesquisa, NEP-Linguagem e ao NEDE, pelo apoio.

COSTA, N. M. A. **Estratégias Sociocognitivas para o Gerenciamento de Mal-Entendidos em Português Brasileiro como Língua Adicional no Contexto de Tandem**. UnB, tese de doutorado em Linguística, 2019.

FLICK, U. **Métodos de pesquisa: Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. Tradução de Parmênio Camurça Cító. In.: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 183-214.